REVISTA RAÍDO

OPEN ACCESS

UFGD

DOI: 10.30612/raido.v19i47.19836

Entre o ofício de escrever e o de ensinar: um panorama da autoria feminina na história da literatura infantil brasileira (1880-1960)

Between writing and teaching: an overview of female authorship in the history of brazilian children's literature (1880-1960)

Fernando Rodrigues de Oliveira
E-mail: fernando.oliveira13@unifesp.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5609-550X

Larissa Santos Cordeiro da Silva
E-mail: santos.larissa@unifesp.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6012-6479

Resumo: Tendo em vista a importância de melhor compreendermos aspectos da autoria feminina na história da literatura infantil brasileira, objetiva-se neste artigo apresentar um panorama das escritoras brasileiras que se dedicaram a esse gênero literário entre o final do século XIX e a década de 1960. Para isso, realizou-se levantamento de a partir do catálogo da Biblioteca Infantil do Instituto de Educação "Caetano de Campos" e do catálogo *Literatura Infantil e Juvenil em Língua Portuguesa* (1955), organizado por Lenyra Fraccaroli. Mediante abordagem histórica, pautada na perspectiva da Nova História Cultural, são apresentadas reflexões de natureza quantitativa e qualitativa, que buscam mapear a presença feminina na escrita da literatura infantil brasileira, com especial atenção aos espaços profissionais ocupados por essas mulheres no período enfocado. Verifica-se que foi na medida em que a educação feminina se ampliou e a

docência passou a ser percebida como ofício eminentemente feminino, que cresceu o número de autoras de literatura infantil no cenário nacional num esforço hercúleo dessas mulheres em romper com os estigmas e amarras de uma sociedade machista e excludente em relação ao público feminino.

Palavras-chave: Literatura infantil; autoria feminina; panorama; professoras; escritoras

Abstract: Given the importance of better understanding aspects of female authorship in the history of Brazilian children's literature, the aim of this article is to present an overview of the Brazilian women writers who dedicated themselves to this literary genre between the end of the 19th century and the 1960s. To do this, a survey was carried out using the catalog of the Children's Library of the "Caetano de Campos" Institute of Education and the catalog *Children's and Young People's Literature in Portuguese* (1955), organized by Lenyra Fraccaroli. Using a historical approach, based on the perspective of the New Cultural History, quantitative and qualitative reflections are presented, which seek to map the presence of women in the writing of Brazilian children's literature, with special attention to the professional spaces occupied by these women in the period in question. It emerges that it was as female education expanded and teaching came to be seen as an eminently feminine profession that the number of female authors of children's literature grew on the national scene, in a Herculean effort by these women to break away from the stigmas and constraints of a sexist and exclusionary society in relation to the female public.

Keywords: Children's literature; female authorship; overview; teachers; writers

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, embora a historiografia corrente projete quase que exclusivamente a autoria masculina como fundante da literatura infantil, estudos mais recentes têm demonstrado que as mulheres ocuparam/ocupam um papel central na mediação entre a literatura e a infância, desempenhando a função de introdutoras e curadoras do universo literário para os pequenos leitores. Seja por meio da oralidade, seja em práticas tradicionais de transmissão de histórias, seja pela escolha e leitura de livros para crianças, seja, ainda, como autoras de obras literárias destinadas a esse público, as mulheres apresentam uma relação de inegável valor na constituição da literatura infantil brasileira como subsistema literário.

No ensaio “A voz infantil da e na literatura infantil”, Lajolo (1989) aprofunda a discussão sobre o papel das mulheres na introdução da literatura às crianças, destacando o ato de contar histórias como uma prática historicamente ligada ao feminino. Lajolo (1989) enfatiza a relevância do vínculo entre mulheres e crianças como elemento essencial nesse processo, atribuindo às mulheres a responsabilidade de não apenas apresentar a literatura aos pequenos, mas de atuar como mediadoras culturais nesse aspecto.

Apesar dessa posição central das mulheres no contato das crianças com a produção literária, a atividade de escrita por parte delas permaneceu por muito tempo restrita e pouco valorizada. Essa exclusão se inter-relaciona às dinâmicas históricas de marginalização do público feminino até meados do século XIX, que tinha pouca circulação nos espaços de produção intelectual e artística, inclusive de acesso à instrução formal, cabendo a elas, quando muito, apenas o papel de transmissoras de conteúdos elaborados por homens.

A conquista das mulheres brasileiras pelo direito à escrita se tornou possível somente com certa abertura para a escolarização feminina durante o período Imperial e a consequente disseminação da prática de leitura entre esse público, impulsionada especialmente pelo romance de prosa doméstica. Conforme explica Almeida (1998), essa prática de leitura por parte das mulheres passou a representar um tipo de fuga aos afazeres domésticos e uma forma de protesto contra o papel social que era atribuído a elas até então. Isso potencializou que um número considerável de mulheres agarrasse a oportunidade de escrever, aproveitando “[...] esse espaço aberto no mundo das letras para se fazer ouvir e expor uma nova maneira de pensar [...]” (Almeida,

1998, p. 27). Com isso, de modo lento e gradativo, a entrada das mulheres no mundo das letras foi se dando numa relação direta com a autoafirmação do gênero como "sujeito criador".

Nessa direção, apesar de haver de os estudiosos da literatura de autoria feminina afirmarem que foi somente durante o século XX que as escritoras brasileiras se fizeram notadas no cenário cultural e literário, é importante frisar o papel desbravador desempenhado por essas mulheres que fizeram uso da pena ainda no século XIX, muitas vezes na escrita de livros literários destinados às crianças.

Em face desses aspectos e tendo em vista a necessidade de ainda melhor compreendermos aspectos da autoria feminina na história da literatura infantil brasileira, objetiva-se neste texto apesentar um panorama das escritoras brasileiras que se dedicaram a esse gênero literário entre o final do século XIX e década de 1960. Para isso, tomamos como fonte para esse levantamento: o catálogo de livros literários da Biblioteca Infantil do Instituto de Educação "Caetano de Campos"[1], que funcionou em São Paulo entre 1925 e 1970, tendo abrigado mais de 4 mil títulos de literatura infantil; e o catálogo *Bibliografia de literatura infantil em língua portuguesa*, de autoria de Lenyra Fraccaroli, publicado pela primeira vez em 1953, com reedições em 1955 e 1960, elaborado a partir do acervo da Biblioteca Infantil "Monteiro Lobato", fundada em 1935, como uma das primeiras do gênero no país[2]. A escolha por essas fontes deve-se ao fato de que, embora não permitam acessar a totalidade dos livros de literatura infantil publicados no país, representam parte significativa dessas publicações, sobretudo se consideramos que abrangem duas esferas distintas, mas inter-relacionadas, da circulação dos livros literários para crianças: a da escola e a dos espaços de promoção da cultura e da leitura fora da escola. Além disso, esses dois catálogos abrangem um

1 No âmbito da Escola Normal de São Paulo/Instituto de Educação "Caetano de Campos", em 1925, Carlos Alberto Gomes Cardim criou a Biblioteca Infantil do Curso Primário anexo à Escola Normal, que funcionou até 1929. Após quatro anos fechada, em 1933 a biblioteca foi reaberta por Lenyra Fraccaroli tendo funcionado até 1935, quando novamente precisou ser fechada para reformas no prédio em que estava alocada. Em 1936, a biblioteca foi reaberta por Iracema Marques da Silveira, tendo funcionado até o final da década de 1970. Nas suas mais de cinco décadas de funcionamento, essa biblioteca infantil reuniu um dos principais acervos de livros infantil e de livros de literatura infantil do Brasil.

2 Inicialmente denomina Biblioteca Infantil de São Paulo, a Biblioteca Infantil "Monteiro Lobato" foi fundada em 1935, por Lenyra Fraccaroli, quando Márcio de Andrade ocupava o cargo de chefe da Divisão de Cultura de São Paulo. Essa biblioteca, em funcionamento até os dias atuais, tornou-se referência em todo o país para a criação de bibliotecas infantis, dado o seu caráter pioneiro e inovador. Anteriormente a essa biblioteca, em 1934, Cecília Meireles também havia fundado a Biblioteca Infantil do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, mas que funcionou apenas até 1937.

total de mais de 6 mil títulos de literatura infantil, número considerável e bastante significativo em relação ao período que abrangem.

Do ponto de vista teórico-metodológico, o panorama da autoria feminina que aqui apresentamos teve como base os aportes da pesquisa historiográfica, a partir de um empreendimento investigativo que visa apreender a literatura infantil em suas múltiplas complexidades e contrariedades, como um produto de nossa cultura (que ao mesmo tempo a representa e a partir dela sedimenta práticas). Por isso, essas mulheres escritoras, localizadas num passado sobreposto por outras temporalidades, cuja distância temporal que nos separa delas não é um intervalo morto, mas geradora de sentido (Koselleck, 2006), requer uma "[...] operação que só pode ser entendida dialeticamente na troca entre o passado interpretado e o presente interpretante". (Ricoeur, 1985, p. 210).

Sendo assim, organizamos este texto da seguinte forma: inicialmente, apresentamos um mapeamento da autoria feminina entre 1880 e 1960, destacando o papel de algumas das escritoras em cada década. Em seguida, apresentamos síntese dos dados relativos à atuação profissional dessas autoras, observando qual profissões desempenharam paralelamente a de escritora. Por fim, apresentamos algumas considerações finais.

2 AS MULHERES NA ESCRITA LITERÁRIA PARA CRIANÇAS

Como apontam os principais estudos de natureza histórica sobre a literatura infantil brasileira (Arroyo, 1968; Coelho, 1981; Lajolo e Zilberman, 1984), a formação desse gênero literário no país data do final do século XIX, decorrente de uma relação intrínseca com a escolarização da infância. Nesse período, associadamente ao anseio de modernização da sociedade brasileira com base no ideal positivista e liberal, encampados na defesa pelo regime republicano, a instrução pública assumiu um papel central para a nova ordem social e cultural que se pretendia para o país. Passou-se a defender, à época, que a escola deveria propiciar mais que o ensino das primeiras letras, ou o chamado ensino elementar, incidindo também sob uma formação cultural mais ampla e abrangente, inclusive para sujeitos ligados a esferas sociais distintas.

Com isso, a partir da Proclamação da República em 1889, os estados brasileiros iniciaram movimento de remodelação de seus sistemas de instrução pública, os quais, conforme explica Oliveira (2022), impulsionaram a necessidade de novos materiais didáticos específicos para a modernização da escola. Esses materiais, especialmente os livros, constituíam meio para viabilizar o próprio ensino a partir de uma pedagogia moderna, de tal maneira que a produção bibliográfica "[...] foi sendo intensificada na medida em que a escola primária adquiriu maior institucionalidade" (Teixeira, 2010, p. 87), já que era urgente "[...] produzir livros infantis que atendessem a demanda por material de leitura" (Machado; Martinelli, 2017, p. 514).

No bojo dessa movimentação, encontram-se os primeiros esforços para sistematizar uma literatura infantil "eminentemente nacional" (Oliveira, 2015), condizente com os anseios culturais e educacionais da época, já que até os arredores da Proclamação da República circulavam no Brasil apenas livros europeus traduzidos em Portugal e, por isso, pouco alinhados aos ideais patrióticos que avançavam pelo país.

Dentre os primeiros livros de literatura infantil traduzidos e/ou adaptados no Brasil, destacam-se os de Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel, seguido, por exemplo, por publicações de Olavo Bilac, Coelho Neto, Arnaldo de Oliveira Barreto, entre muitos outros. Também algumas mulheres começaram a figurar nesse cenário na virada do século XIX para o século XX, como resultado das lutas e das lentas conquistas femininas do período, como o direito à educação, ao voto, ao trabalho e à escrita, sendo a literatura para crianças um dos espaços iniciais de atuação delas. Esse é o caso de Adelina Lopes Vieira, Júlia Lopes de Almeida, Gabriela de Jesus Ferreira França, Zalina Rolin e Francisca Júlia, mulheres pioneiras na escrita de livros literários para crianças no Brasil.

Essa abertura do universo da escrita literária para crianças às mulheres se deveu, em grande medida, a um entendimento que vigorava à época de que esses livros tinham menor prestígio no cenário cultural quando comparados aos romances e poesias direcionados aos leitores adultos, daí o fato de os homens gradativamente irem deixando às mulheres esse ofício. Também o fato de as mulheres serem vistas como predestinadas à educação das crianças por seu "instinto maternal", conferia a elas uma "aptidão nata" (Louro, 1997) para produzir um tipo de literatura que, ao mesmo tempo em que recreava, instruía por meio de narrativas ficcionais de cunho moral e civilizador. Nesse sentido, a literatura infantil foi se configurando como um tipo de

porta de entrada para a autoria feminina, na mesma medida em que elas se responsabilizavam cada vez mais pela educação primária mediante processo de feminização do magistério.

No entanto, esse processo não se deu sem contradições e tensões. Se, por um lado, diferentes vozes defendiam que as mulheres tinham uma inclinação natural para o trata com as crianças, sendo seu "destino" a maternidade e, portanto, a educação escolar dos pequenos (Louro, 1997), por outro, alguns defendiam que elas eram portadoras de "cérebros pouco desenvolvidos", podendo ser a educação por parte das mulheres um perigo desastroso para a República (Louro, 1997). De todo modo, aos poucos o magistério de fato tornou-se num "trabalho de mulher" e a escrita literária para esse público, geralmente tendo como foco a circulação na ou a partir da escola, também um ofício feminino, ainda que em proporções muito menores.

Esses dados podem ser observados pelo quantitativo de livros escritos homens e mulheres que identificamos mediante levantamento realizado a partir das fontes de pesquisa selecionadas para este artigo. A todo, entre 1880 e 1960, identificamos 6.565 títulos de literatura infantil, sendo 6.152 de autoria masculina e 413 de autoria feminina (Silva, 2023).

Esses dados mostram a desproporcionalidade na quantidade de livros de autoras mulheres em relação aos livros de autores homens na escrita da literatura infantil no Brasil no período analisado. Nota-se que apenas 6% do total de autores de literatura infantil equivale à autoria feminina. Enquanto isso, a autoria masculina equivale a 94% dos livros de literatura infantil publicados no Brasil. Sobre esses números, cabe destacar que identificamos 152 escritoras brasileiras, 136 escritoras estrangeiras com livros traduzidos no Brasil e 105 autoras cuja nacionalidade não foi possível identificar, totalizando 393 autoras[3].

Apesar desses números chamarem a atenção e poderem, numa primeira leitura, induzirem à ideia de que a autoria feminina é ainda muito insipiente na história da literatura infantil brasileira, é preciso observar esses dados por um outro prisma, inclusive na distribuição dos livros publicados por essas mulheres por décadas, entre o século XIX e o século XX. Para isso, apresentamos o Quadro 1, no qual destacamos a quantidade de livros de literatura infantil de autoria feminina publicado entre 1880 e 1970.

3 A relação completa com os nomes das autoras pode ser consultada no Anexo I (arquivo em separado).

Cabe destacar que para esse quadro consideramos apenas os livros de escritoras brasileiras, portanto, 152 autoras das 393 identificadas.

Quadro 1 – Quantidade de títulos de literatura infantil de autoras brasileiras

Décadas de publicação	Quantidade de títulos publicados na década
1880-1889	2
1890-1899	4
1900-1909	5
1910-1919	6
1920-1929	20
1930-1939	45
1940-1949	127
1950-1959	40
1960-1969	36
Sem data	44
Total de livros	**329**

Fonte: Silva, 2023.

No conjunto das 152 autoras brasileiras de literatura infantil que localizamos, pudemos identificar a publicação de 329 títulos. Ao observar a distribuição desses dados conforme o Quadro 1, é possível verificar que as publicações de autoria feminina entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX cresceu de forma tímida, passando de 2 títulos na década de 1880 para um total de 17 livros publicados até 1919. Esse período foi marcado pela implementação de políticas de renovação da instrução pública em consonância com o regime republicano, o que imprimiu mudanças profundas na cultura escolar brasileira, em especial no que tange aos métodos e materiais usados para o ensino. Dentre os livros publicados nesse período, o mais antigo que identificamos foi o de Gabriela de Jesus Ferreira França: *Contos Brazileiros,* datado em sua 1ª edição de 1881.

Ainda na década de 1880, Júlia Lopes de Almeida e sua irmã, Adelina Lopes Vieira, tiveram publicados *Contos infantis*, livro marco da literatura infantil brasileira. Essas escritoras também publicaram, nas décadas seguintes, *Histórias da nossa terra*, em 1907, *A Árvore*, em 1916, *Era uma vez*, em 1917 e *Jornadas no meu país*, em 1920.

Na década 1890, Zalina Rolim publicou *O Coração* (1893) e *O livro das crianças* (1897), tendo esse último recebido uma "[...] tiragem de vinte mil exemplares promovida pelo Governo de São Paulo para as escolas públicas paulistas" (Oliveira, 2017, p. 60). Além desses, Zalina Rolim também escreveu *O livro da Saudade,* publicado em 1903.

Francisca Júlia da Silva teve um título publicado ainda no século XIX, datado de 1899 e intitulado *O livro da Infância*. Esse livro foi publicado pela editora Typografia do Diário Oficial para o uso nas escolas paulistas. Essa autora também teve publicado *Alma Infantil* (1912) em parceria com seu irmão, Júlio César da Silva, que "oferece poesias de cunho religioso e transgressor, que reivindica agência e voz, em meio ao silenciamento" (Borges, 2013, p. 28).

Francisca Júlia dedicou-se também à escrita de obras voltadas para o público feminino adulto, enfrentando críticas que não se baseavam apenas no conteúdo de sua produção literária, mas, principalmente, em barreiras de natureza moral.

Alexina de Magalhães Pinto também merece destaque no rol das escritoras brasileiras de literatura infantil do final do século XIX e início do século XX. A autora conseguiu publicar cinco títulos em vida e "[...]usou pela primeira vez material folclórico na elaboração de livros didáticos contrariando a tendência da época de excluir histórias populares e folclóricas dos livros destinados a compor a biblioteca infantil" (Carnevall, 2012, p. 4). São livros de autoria dela: *Os nossos brinquedos* (1909), *Cantigas das crianças e do povo: danças populares* (1916), *Provérbios populares: máximas e observações usuais* (1917), *As nossas histórias* (1907) e *Cantigas das crianças e dos pretos* (s.d.).

Tratando-se da primeira década do século XX, cabe destacar o livro de Presciliana Duarte de Almeida, *Páginas Infantis*, datado de 1910. Essa autora teve uma forte atuação na imprensa do período em defesa da educação das mulheres e consequentemente do direito de ser escritora.

Em relação à década de 1920, verifica-se um crescimento de mais de 300% do número de livros de autoria feminina publicados entre 1910 e 1919. Nessa década, foram publicados 20 novos títulos escritos por mulheres, alguns dos quais de autoria de mulheres esquecidas no campo da literatura infantil, como é o caso de: Bellah de Macedo Soares, autora de Histórias *da Fada Azul* (1929), que publicou esse livro com 12 anos de idade; Elisa Macedo Sousa; Eulalia de Abreu Sampaio; Leila Leonardos; Sara Sampaio Arruda; e Henriqueta Traugott Saraiva.

O número de livros de autoria feminina cresceu de modo exponencial na década de 1930, em que identificamos 44 títulos de autoria feminina, dentre os quais estão alguns de: Cecília Meireles; Olga Monteiro de Barros; Ilka Labarthe; Branca Alves de Lima; e Ambrozinha Rodrigues Pereira.

Esse crescimento da produção de livros de literatura infantil teve relação direta com fatores sociais, dentre os quais: a consolidação da classe média, o aumento da escolarização nos centros urbanos e a nova posição da literatura após o movimento Modernista (Lajolo; Zilberman, 1984).

Esse crescimento manteve-se em progressão nas décadas subsequentes, quando, por exemplo, entre 1940 e 1949, pudemos identificar 128 títulos escritos por mulheres.

Sobre os livros de literatura infantil de autoria feminina publicados entre 1940 e 1949, merecem destaque os de Chiquinha Rodrigues, que publicou na década de 1940 três títulos: *Menina de Ouro* (1946), *Histórias e Brincadeiras* (1946) e *Seu Pafúncio corre o mundo* (1946) e que travou uma luta pelos direitos políticos e sociais das mulheres, o que a levou ao cargo de prefeita de Tatuí, no estado de São Paulo, em 1945.

Também Lúcia Miguel Pereira é autora de destaque desse período, com a publicação de três títulos: *A filha do rio verde* (1943*), Na floresta mágica* (1943) e *Fada menina* (1939), sendo esse último vencedor do I Concurso Nacional de Literatura Infantil (1937) promovido pelo Ministério da Educação e Saúde.

Na década seguinte, 1950, ainda que o número de publicações de autoria feminina apresente uma diminuição, foi possível identificar 46 títulos. Nesse período se destacam autoras como: Maria José Fleury Monteiro Dupré, que embora tenha começado a publicar no final dos anos 40, a maior parte de sua obra data dos anos 1950 com a série “O cachorrinho Samba”; e Ofélia Fontes, cuja obra se deu toda em coautoria com seu esposo, Narbal Fontes.

Movimento similar se observa na década de 1960: 36 títulos de autoria feminina. Nessa década, cabe destacar os livros de Lúcia Machado de Almeida, como *No fundo do mar* (1960), *O mistério do polo* (1960), *Na região dos peixes fosfórecentes* (1960) e *As aventuras de Xisto* (1968). Todos os livros de Lúcia Machado de Almeida livros foram publicados pela Editora Companhia Nacional, editora de grande prestígio à época, com retratação da instabilidade política e social do país.

Sobre a diminuição na quantidade de livros de literatura infantil de autoria feminina publicada no Brasil entre 1950 e 1960, é importante esclarecer que tem relação direta com as fontes selecionadas para o panorama que aqui apresentamos. Entre as décadas de 1950 e 1960, a Biblioteca Infantil do Instituto de Educação “Caetano de Campos” passou por mudanças em seu funcionamento, impactando a ampliação de seu próprio acervo[4]; assim como a organização da *Bibliografia de literatura infantil em Língua Portuguesa* manteve sua abrangência com títulos até a década de 1950, sendo as edições posteriores apenas complementadas, mas a partir de outra perspectiva[5].

Com relação às escritoras estrangeiras e às autoras cuja nacionalidade não pudemos identificar, totalizam 284 títulos publicados entre 1880 e 1960. Esse número mostra que, em média, as autoras estrangeiras (136) e as autoras cuja nacionalidade não identificamos (105) publicaram, em média, entre um e dois títulos. Com relação às estrangeiras, identificamos 17 nacionalidades, conforme Quadro 2:

Quadro 2 – Nacionalidade das autoras dos livros de literatura infantil publicados no Brasil até a década de 1970

Nacionalidade das autoras	Quantidade de autoras
Argentina	2
Alemã	6
Estadunidense	40
Austríaca	3
Belga	2
Boêmia	1
Canadense	2
Dinamarquesa	1
Escocesa	1
Francesa	23
Inglesa	5
Irlandesa	2
Mexicana	1
Portuguesa	44
Russa	1
Suíça	1

contínua

4 Para informações mais detalhadas sobre essa biblioteca, seu funcionamento e a constituição de seu acervo, ver Silva (2023).

5 Para informações mais detalhadas sobre esse catálogo e suas três edições, ver Pasquim (2017).

Nacionalidade das autoras	Quantidade de autoras
Ucraniana	1
Não identificadas	105
Total de autoras	**241**

Fonte: Silva, 2023.

Conforme dados do Quadro 2, a autoria feminina estrangeira na literatura infantil corresponde a 34,60% do total de livros escritos por mulheres e publicados no país entre 1880 e 1960. É interessante pontuar em relação à autoria feminina estrangeira que muitos dos livros publicados por elas, quando traduzidos ou adaptações para o português, foram produzidos também por outras mulheres, de modo que algumas delas se destacaram nesse papel ao longo do século XX, como é o caso de Virgínia Lefevre.

De modo geral, observa-se que as autoras portuguesas e estadunidenses prevalecem no cenário da literatura infantil brasileira, perfazendo um percentual de 62,22% das autoras estrangeiras. O grande número de escritoras portuguesas possivelmente tem relação com o idioma e com a circulação de sujeitos entre Brasil e Portugal, dado o processo de colonização que perdurou entre 1500 e 1822. Com relação às escritoras estadunidenses, muito possivelmente esse número elevado tenha relação com os laços que o Brasil estabeleceu com o Estados Unidos o longo do século XX na organização de sua escola moderna, sob influência do método das lições de coisas do norte-americano N.A. Calkins e do pragmatismo de John Dewey, assim como pela exportação cultural que os Estados Unidos passaram a promover associadamente à sua expansão econômica e industrial.

De todo modo, é interessante observar a presença de autoras de 12 nacionalidades europeias, em oposição a apenas dois países latino-americanos – Argentina e México. Esse fato corrobora com traços da história da literatura infantil brasileira, cujas bases advêm, sobretudo, dos contos de tradição oral desses países. Ainda sobre o continente europeu, chama a atenção a presença de uma escritora ucraniana e três escritoras austríacas, que são países cuja imigração para o Brasil se deu em menor quantidade em relação aos outros países.

Nesse levantamento, não identificamos nenhuma autora do continente africano, do continente asiático ou da Oceânia. Tem-se apenas uma escritora da Rússia, que pertence a dois continentes: Ásia e Europa.

A partir dos aspectos aqui apresentados, é possível verificar o movimento crescente das mulheres como autoras de livros de literatura infantil no Brasil, num processo que permite compreender o modo como elas foram literalmente forjando esse espaço, num cenário predominado por homens e de pouca valorização do papel feminino nos diferentes setores de nossa sociedade. Não por acaso, pode-se dizer que essas mulheres propiciaram uma verdadeira revolução feminina no campo literário para crianças, talvez muitas delas nem sempre cientes da importância revolucionária e subservisva da ordem social que suas escritas representaram.

3 PARA ALÉM DE ESCRITORAS...

Conforme argumentam Matos e Borelli (2020), embora as mulheres há um longo tempo ocupem em nossa sociedade posições de trabalho, nem sempre foram reconhecidas por isso, especialmente quando executavam/executam funções que eram “inerentes ao feminino”. Não obstante, as ocupações que foram mais facilmente estendidas à atuação de mulheres estavam relacionadas ao cuidado, o que foi se modificando ao longo do tempo em uma trajetória nada linear (Matos e Borelli, 2020).

Para compreender alguns desses aspectos nos interesses deste artigo, é importante esclarecer que, de acordo com Hahner (2020), a partir de meados do século XIX, foram as mulheres da elite, majoritariamente brancas, que passaram a ter acesso à educação feminina, o que possibilitou a algumas delas tornarem-se percussoras no exercício intelectual. Desse modo, é inegável que a atuação profissional das mulheres tem uma intrínseca relação com o acesso à escola, num modelo escolar que somente ao longo do século XX deixou de diferenciar, pelo menos explicitamente, os propósitos dessa instituição na educação do sexo masculino do sexo feminino, tendo em vista as funções sociais resguardadas a cada um desses sexos.

Dessa maneira, é de extrema relevância observar em quais diferentes esferas de trabalho essas escritoras que figuram na história da literatura infantil brasileira aturam, a fim de se entender também o papel que desempenharam no desbravamento de outros campos de atuação profissional, associadamente ao da escrita literária.

Para isso, enfocamos apenas as 152 escritoras brasileiras, pois, embora entendamos que as estrangeiras façam parte da literatura infantil brasileira, o contexto de formação e atuação profissional delas é muito variado, dada a diversidade dos países dos quais elas se originam.

A busca por informações sobre a atuação profissional dessas escritoras se deu a partir de variadas fontes, como: *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira* (Coelho, 2006); os jornais e as revistas disponíveis na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional; os dados de trabalhos acadêmicos sobre história da literatura infantil; as informações disponíveis em *sites* da Internet; e dos dados de capas, contracapas e outros elementos constituintes das próprias publicações literárias. É importante ressaltar, porém, que apesar dos esforços empreendidos nessa busca, nem sempre obtivemos as informações que buscávamos; primeiro, pelo volume de dados e a dificuldade de ler e localizar os vestígios em tantas fontes documentais; segundo, pelo fato de algumas escritoras terem tido seus dados "apagados" ou "esquecidos" pelo tempo.

Sendo assim, das 152 autoras pesquisadas, encontramos dados sobre a atividade profissional de 102 delas. Para 66 escritoras, não foi possível localizar nenhuma informação sobre a atividade profissional que exerceram. São essas 66 escritoras: Adelina de Cerqueira Leite, Antonieta Tôrres da Almeida Assumpção, Aristides Ávila, Beatriz de Lacerda, Celina Ferreira, Daisy Bréscia, Dalmacita Ribeiro dos Santos, Dinah Nascimento, Dita Zita, Diva Villaça, Edy Maria, Elisa Rezende, Elsa Silva, Elza Almeida, Esther da Costa Lima, Eularita Lage, Gabriela Dias de Andrada, Gerezu Morais, Gilda de Guimarães Piedade, Gilda Helena, Gina Carvalho, Graziella Martins, Helena Lopes Abranches, Hilda Almeida Leite Guimarães, Isabel Vieira de Serpa Paiva, Josephina Meinel, Leda Brito Aquarone, Leila Leornados, Leona Pereira Guilherme, Leonilda S. Montadon, Liloca do Amaral, Lima Walkiria de Assunção, Lina Christino, Lucia Alvarenga, Lúcia Barbosa, Lucilia de Figueiredo, Luiza Machado Brandão, Luiza P. Dorfmund, Maria Alves Velloso, Maria Aparecida, Maria Carolina Nabuco de Araújo, Maria de Souza Campos Artigas, Maria Dolores de Camargo, Maria Fargues, Maria Garcia Bastos, Maria José Sauer, Maria Lima, Maria Luíza, Maria Luiza Hussak, Maria Majerova, Mariza Lira, Mathilde Allanic, Mille Ligerot, Minerva de Macedo Carvalho, Monica MontallLevallet, Nair Venega, Olga Ferraz Khel, Pouchert, Regina Helena Portela Machado, Regina Souza, Sônia Fernandes, Sylvia de Souza Pereira Autuori, Teda Belmonte, Tereza Noronha, Tulia Silvia, Walda Vale de Almeida Ferreira da Paixão, Walesca Paixão e Yvonne Botkay.

A ausência de informações sobre sua atuação profissional dessas escritoras pode estar relacionada, como mencionamos anteriormente, a certo apagamento histórico das mulheres na sociedade brasileira. Além disso, é possível que essas autoras

não tenham desempenhado atividade profissional de modo oficial, tendo elas se dedicado, por exemplo, a atividades mais ligadas ao ambiente doméstico, além da escrita dos livros que identificamos, sendo ambas as atividades mantidas às duras penas. Outra possibilidade é que o nome utilizado nas publicações não corresponda ao nome de registro, o que torna mais difícil e complexa a localização de informações sobre elas.

No conjunto das profissões identificadas entre as autoras de literatura infantil, predomina a de professora. Ao todo, 67 (44,07%) delas atuaram profissionalmente como professoras, o que pode se explicar pelo processo de feminização do magistério, assim como o gradativo processo de abertura do mercado dos livros escolares para as mulheres. São as escritoras-professoras: Adelina Amélia Lopes Vieira, Alexina de Magalhães Pinto, Alice Reis, Almerinda Rodrigues de Mello, Ambrozinha Rodrigues Pereira, Amélia de Rezende Martins, Bellah Soares de Macedo, , Branca Alves Lima Carolina Rennó Ribeiro de Oliveira, Cecília Bueno dos Reis Amoroso, Cecília Meireles, Ceição de Barros, Célia Augusta Marques, Célia Rabello, Chiquinha Neves Lôbo, Dorice Martins do Amaral, Edna Lourdes Lapa, Elisa Macedo Souza, Esther Pires Salgado, Eulalia de Abreu, Eularita Andrade Lage, Francisca Pereira Rodrigues, Gabriela de Jesus Ferreira França, Glória Régi, Glorinha de Moura Novaes, Guiomar Rinaldi, Idalina Ladeira, Ilka Larbathe, Irene de Albuquerque, Judith Freitas de Almeida Mello, Leonor Pousada, Lucília Passos, Luiza Nery de Souza, Magdala Lisboa Bacha, Margarida Fialho Thompson Leite, Maria Antônia de Mello, Maria Braz, Maria de Lourdes Braga Maluf, Maria de Lourdes Gastal, Maria do Carlo Ulhoa Vieira Cecília Maria Westphalen, Mariado Carmo Vidigal Pereira das Neves, Maria dos Reis Campos, Maria Edith Sarthou, Maria Garcia Bastos, Maria Heloísa Penteado, Maria José Melo Paiva, Marina Tricanico,Mary Buarque, Odette do Amaral Carvalho, Ofélia de Fontes, Ofélia Sócrates do Nascimento, Olga Monteiro de Barros, Olga Simões, Pepita de Leão, Rita Almil de Rialva, Sá Leda, Sara Sampaio Arruda, Therezinha Eboli, Virginia da Silva Lefévre, Zalina Rolim e Zizi Moreira.

Ainda sobre as escritoras com atividade profissional ligada à escola, cabe mencionar as que atuaram como inspetora escolar (Maria Lucia Cintra do Amaral) e como diretora de escola (Elza Kyrilos). No caso de Camila Cerqueira Cesar, embora não tenha sido possível localizar informações que a aproximem da escola, sabe-se que ela desempenhou funções atreladas a cargos administrativos e fundou, junto com outras escritoras, o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (CELIJU), que tinha como um de seus focos a promoção da literatura infantil na escola.

Também pudemos notar que algumas autoras desempenharam atividades profissionais em mais de um campo. Por exemplo, Nina Salvi, além de escritora, atuou no ramo da farmacologia; Virginia Lefévre atuou como tradutora e mantenedora de uma Sociedade Pró-Educação e Saúde; Marina Trincanico foi professora, advogada e jornalista; Elza Kyrilos, diretora de biblioteca e escritora; Edy Maria Dutra da Costa, jornalista, teatróloga e diretora editorial; e Maria Thereza Cavalheiro, advogada, tradutora e jornalista.

O fato de essas autoras desempenharem múltiplos papéis profissionais pode ser atribuído ao contexto histórico que impôs à literatura infantil a necessidade de mais de uma jornada de trabalho em função, muitas vezes, devido à baixa remuneração. Como se sabe, ainda hoje as mulheres continuam a receber um salário menor comparativamente aos homens, mesmo quando desempenham as mesmas atividades profissionais[6].

Outro ponto a ser considerado é que a profissão de escritor/escritora historicamente foi marcada pela baixa remuneração, sendo raros os casos de escritores e escritoras que conseguiram sobreviver exclusivamente de sua produção literária. Essa realidade é uma constante na literatura, no entanto, no contexto específico das mulheres, somente a partir da década de 1930, com abertura dos campos universitários, é que a presença feminina se tornou mais evidente em diferentes campos profissionais (Sousa, 2008).

Sousa (2008) esclarece que, com a expansão do ensino superior, houve um aumento da concentração de mulheres nesse nível de formação, principalmente nas áreas relacionadas às ciências humanas e ao cuidado. Não obstante, os dados que localizamos evidenciam que as mulheres que galgaram outras profissões juntamente com a escrita literária pertenceram em sua grande maioria a áreas como, Direito, Jornalismo, Tradução, Dramaturgia, Enfermagem e Farmácia.

Não sendo de menor importância, cabe mencionar ainda que “[...] a escolha vocacional de vestibulandas e matriculadas evidenciava estar atravessada pelos estereótipos de gênero [...]” (Sousa, 2008, p. 156), e, nesse sentido, escolher uma formação entendida como masculina teria como consequência uma “ambivalência diante da realidade profissional” que até então era pautada por preceitos sociais. Esse cenário

6 De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Pesquisas Geográficas (IBGE), no final de 2022, as mulheres recebem em média 78% do que recebe um homem, desempenhando as mesmas funções profissionais.

passou a modificar-se consideravelmente a partir dos anos 1980, embora avanços careça de muitos avanços.

De qualquer modo, ainda assim identificamos entre as brasileiras escritoras de literatura infantil algumas que parecem ter tido essa atividade como central e exclusiva do ponto de vista do trabalho profissional. Tratam-se de escritoras cujas trajetórias profissionais foram marcadas pelo ofício da escrita e que, de alguma forma, viveram disso ou que tornaram essa atividade seu ofício principal. São elas: Cordélia Fontainha Seta, Francisca Julia, Gilda Figueiredo, Henriqueta Traugott Saraiva, Isa Silveira Leal, Isabel Junqueira Schimid, Isaura Correia, Jaçanã Altair Guerrini, Júlia Lopes de Almeida, Lola de Oliveira, Lúcia Machado de Almeida, Lúcia Miguel Pereira, Maria Desideria, Maria Feliciana Marim Marques, Maria José Fleury Monteiro Dupré, Marieta Leite, Matilde Garcia Rosa, Nair Starling, Preciliana Duarte de Almeida, Regina Melilo de Souza e Rita Maria Barreto.

4 SER PROFESSORA E ESCRITORA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Almejando contribuir para uma compreensão cada vez mais ampla do lugar e dos sentidos da autoria feminina na história da literatura infantil brasileira, apresentamos aqui um panorama das escritoras que tiveram livros publicados entre o final do século XIX e a década de 1960. Sobre a abrangência e os propósitos deste artigo, cabem dois esclarecimentos fundamentais: Não foi nosso objetivo estabelecer um balanço definitivo ou mesmo exaustivo da autoria feminina na literatura infantil no período enfocado. Um empreendimento dessa natureza, pode-se dizer, seria extremamente ambicioso, dada a própria limitação que temos em relação à preservação documental no Brasil, especialmente de um tipo de impresso, como é a literatura infantil, que carece do mesmo prestígio que outras obras literárias têm em nossa cultura. Também compreendemos que a própria flutuação histórica entre o que é ou não literatura infantil e sua distinção com uma dita “literatura escolar” não é tarefa simples. Nesse sentido, ainda que pelos parâmetros contemporâneos possamos criticar ou discordar da qualidade literária de grande parte das obras que perfazem o panorama aqui apresentado, não foi nosso propósito estabelecer um juízo de valor sobre elas. O esforço empreendido foi o de não obliterar as diferenças constitutivas do passado aqui enfocado, tampouco enquadrá-lo em critérios anacrônicos ou determinados aprioristicamente por defini-

ções do presente. Daí a busca por uma visão integradora entre o entendimento da literatura destinada à infância marcadamente de caráter artístico-literário e os livros de leitura destinados ao uso escolar, identificados pela circularidade e interdependência na constituição da literatura infantil brasileira.

Esclarecidos esses aspectos e também reconhecidos os limites do panorama que aqui apresentamos, a análise quantitativa e qualitativa que empreendemos teve como referência a relação entrelaçada entre esse gênero literário e a escola. Isso se deve a três razões fundamentais: o contexto de gênese e consolidação da literatura infantil brasileira ligado à escola; a identificação da autoria feminina na literatura infantil com as possibilidades que se abriam pela educação feminina; e, em especial, a relação intrínseca entre a atuação profissional dessas mulheres como escritoras e como professoras. No primeiro caso, desde as primeiras décadas republicanas, a literatura para crianças, vista como instrumento formativo, seguiu seu curso sem escapar ao uso fiscalizado das iniciativas do estado via escola. No segundo, conforme apresentamos qui, a possibilidade de expansão do trabalho intelectual por parte das mulheres perpassou também o lento e gradativo acesso que elas passaram a ter à educação formal, em diferentes níveis de escolarização. No terceiro, o magistério, convertido em profissão feminina na virada do século XIX para o XX, tornou as mulheres também identificadas com a produção de livros para a educação moral e recreativa dos pequenos, já que o “espírito maternal”, eminente no público feminino, também as podia melhor fazer “falar” com os pequenos a partir de histórias que encantam e educam.

Dessa maneira, pode-se verificar que a conquista gradual de espaço para autoria feminina entre o final do século XIX e o decorrer da primeira metade do século XX se deu de maneira associada às conquistas das mulheres por direitos e outras formas de participação social, especialmente a partir do exercício da docência. Ainda que entre as autoras dos anos 1940 em diante se verifique a expansão do campo profissional para áreas como a advocacia, a tradução e o jornalismo, de advogada, essas mulheres escritoras para crianças mantiveram em sua grande maioria vínculos estreitos com a escola, seja como professoras, seja em outros cargos da educação formal. Com isso, pode-se afirmar que o “exercício da pena” por parte das mulheres autoras de literatura infantil esteve em estreita relação com a feminização do magistério.

Foi na medida em que a docência passou a ser percebida como ofício eminentemente feminino, em fins do século XIX, tornando as mulheres maioria no cotidiano das escolas, que também cresceu o número de autoras de literatura infantil no cenário

nacional, saltando-se, por exemplo, de 37 escritoras entre 1880 e 1929, para 45 somente na década de 1930 e 127 na década de 1940. Esses dados, embora possam parecer menos expressivos quando comparados aos da autoria masculina, mostram, em verdade, o esforço hercúleo dessas mulheres em romper com os estigmas e amarras de uma sociedade machista e excludente em relação ao público feminino, o que já merece destaque. Mas também merecem destaque porque se tratam de vozes específicas, muitas das quais com a obtenção de sucesso que marcou geração de leitores, se fazendo presente no mercado literário à despeito do tempo e das mudanças no próprio campo. Nesse sentido, esse panorama abre espaço para novos/outros estudos verticalizados e pormenorizados, que permitam tirar da marginalidade o lugar da autoria feminina na história da literatura infantil brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. *Mulher e Educação: a paixão pelo possível.* São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1998.

ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

CARNEVALI, F. G. A mineira ruidosa: cultura popular e brasilidade na obra de Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921). 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

COELHO, N. N. *Literatura infantil: história, teoria, didática*. São Paulo: Edições Quíron, 1981.

FRACCAROLI, L. C. *Bibliografia de literatura infantil em língua portuguesa*. São Paulo: Secretaria de educação e cultura, 1955.

HAHNER, J. E. *Mulheres da Elite*. In: PINSKY, CB e PEDRO, JM (org.). Nova História das Mulheres no Brasil. v. 1, n. 4, p. 43- 64. São Paulo: Contexto, 2020.

KOSELLECK, R. *Futuro Passado.* Contribuição à semântica dos tempos históricos*.* Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.

LAJOLO, M. A voz infantil da e na literatura infantil. In: COELHO, N.N. *Feminino singular: a participação da mulher na literatura brasileira contemporânea*. Rio Claro: Edições GRD em convênio com o Arquivo Municipal de Rio Claro, 1989. p. 16-33.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira, História e Histórias*. São Paulo: Editora Ática,1984.

LOURO, G. L. *Mulheres na sala de aula. História das mulheres no Brasil*. In: PRIORE, MD (org.). História das mulheres no Brasil, v. 3, p. 443-481, 1997.

MACHADO, M. C.; MARTINELI, L. P. *A formação moral cívica das crianças brasileiras na Primeira República pela prática da leitura de livros infantis: uma análise de contos pátrios (1904)*. Revista HISTEDBR On-line, v. 17, n. 2,p. 511-533, 2017.

MATOS, M. Z.; BORELLI, A. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 126-141.

OLIVEIRA, F. R. História do ensino da literatura infantil na formação de professores no estado de São Paulo (1947-2003). São Paulo: Editora UNESP, 2015. Disponível em: https://static.scielo.org/scielobooks/8q7yj/pdf/oliveira-9788579836688.pdf

OLIVEIRA, F. R. Instruir a infância pelas lições morais e religiosas: 'Contos brazileiros' (1881), de Gabriella de Jesus Ferreira França. In: WARDE, M. J.; OLIVEIRA, F. R. (Org.). História da Educação: sujeitos, objetos e práticas. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2022, p. 155-182. Disponível em: https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/66026

PASQUIM, F. R. *Lenyra Camargo Fraccaroli (1908-1991) na história da literatura infantil brasileira*: contribuições de uma bibliotecária educadora. Orientador: Maria do Rosário Longo Mortatti. 2017. 237 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília, Marilia - SP, 2017.

RICOEUR, P. Tempo e narração. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Vol. 1. São Paulo: Editora Vozes, 1985.

SILVA, L. S. C. Mulheres escritoras: um panorama da autoria feminina na literatura infantil brasileira (1881-1970). 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Paulo, 2023. Orientador: Fernando Rodrigues de Oliveira.

SILVA, L. *A biblioteca infantil "Caetano de Campos": organização, funcionamento e ações pedagógicas*. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2023.

SOUSA, C. P. "*Gênero e Universidade no Brasil: acesso ao ensino superior e condição feminina no meio universitário*". In: Consuelo Flecha García; Alicia Itatí Palermo. (Org.). Mujeres y Universidad en España y America Latina. Buenos Aires / Madrid: Miño y Dávila Editores, 2008, v. 1, p. 153-171

TEIXEIRA, G. B. *As mulheres e a escrita de livros escolares no século XIX*. Revista Gênero, v. 11, n. 1, p. 81-96, 2010.